

Correio Sindical Mercosul

Serviço de Notícias

15 de fevereiro de 2000



Institucionais, Econômicas e Políticas

Setores e Empresas

Trabalho e Movimento Sindical

Relações Externas

Leia no anexo: Missão a América Latina

Notas

Apoio

FRIEDRICH
EBERT
STIFTUNG

Edição

Consultoria Econômica e Social

Brasil X Argentina : acertos

São diversas as melhoras no contencioso dos dois países. Nesta semana os seus fabricantes de brinquedos assinaram acordo reconhecendo a certificação mutua dos dois países. Antes um exportador tinha que submeter seus produtos à aprovação do órgão inspetor do outro país. A partir de agora os dois órgãos certificadores, O Instituto Argentino de Normalização e o Instituto de Qualidade do Brinquedo (IBQ) , do Brasil, aceitarão os certificados de qualidade do outro .

Em 1999 os fabricantes brasileiros venderam aos argentinos cerca de US\$ 3,8 milhões . A expectativa é de que, agora, esse valor suba para US\$ 4 milhões .

Outro acerto que começa a acontecer é o relativo ao comércio de laminados a frio. A Comissão Nacional de Comércio Exterior da Argentina (CNCE) que investiga o produto brasileiro há 4 meses não encontrou indícios de dumping ou de dano às siderúrgicas locais. A comissão que também examinava os produtos da Rússia, lhe impôs sobretaxa preliminar de 128,24% .

O parecer da CNCE foi comunicado ao Instituto Brasileiro de Siderurgia e às siderúrgicas brasileiras CSN e Usiminas, que estavam envolvidas no processo, aberto a pedido da siderúrgica argentina Siderar. O processo ainda não se encerrou e as exportações podem , ainda, vir a ser taxadas, mas essa decisão apesar de preliminar foi considerada auspiciosa.

Essa decisão pode ser interpretada como uma sinalização política do novo governo argentino. Por outro lado o laminado a frio é de largo uso na indústria automobilística local, que não apoiava o processo. Isso também pode ter influenciado o desfecho até agora. O fato é que o comercio do produto estava paralisado desde o inicio do processo . (*Gazeta Mercantil*, 09.02.00 , 10.02.00 e 11.02.00)

Brasil X Argentina : desacertos

Às vésperas do inicio da colheita o governo brasileiro decidiu ampliar a proteção dos produtores internos às importações maciças de algodão, arroz e leite da Argentina e Uruguai . Para isso estuda restringir essas compras internas por meio do Convênio de Créditos Recíprocos (CCR) e até mesmo pelo uso de barreiras fitossanitárias nas fronteiras, portos e aeroportos.

No inicio do ano o Banco Central obrigou, através de circular, aos importadores brasileiros a depositarem antecipadamente 100% do valor de suas compras acima de R\$ 100 mil. Isso foi suficiente para encarecer as importações de trigo e inibi-las. O Ministério da Agricultura apoia o uso dessas medidas atendendo a queixas de produtores brasileiros e alegando que a Argentina já adota o mesmo procedimento para alguns produtos brasileiros.

Os dois países também se utilizam de barreiras sanitárias. "O Uruguai continua sem explicação fechado ao frango brasileiro e a Argentina vem sempre com a conversa de doença em nossa carne". Diz Luiz Carlos Oliveira, secretario da Defesa Agropecuária . O próprio ministro, refletindo a importância do assunto, estará presente em Buenos Aires no próximo dia 17 para a reunião da Comissão de Sanidade Vegetal (Cosave) .

Enquanto isso o Brasil mantém o processo de investigação de dumping nas importações de leite em pó e longa vida da Argentina, Uruguai, além da Nova Zelândia, Austrália e União Européia. O processo, em fase de conclusão, apresenta margens de dumping de 20,7% nas importações argentina s e 2,1% nas do Uruguai.

Indo na mesma direção a Secretaria da Agricultura da Argentina decidiu que todas os importadores de frango serão obrigados a preencher um questionário sobre a situação sanitária dos frangos que entram no território argentino. A medida , que vale para todos os países (inclusive os do Mercosul) pretende evitar que a doença aviária New Castle, que foi erradicada na década de 70, volte ao país. No final do ano passado um juiz impôs barreira à entrada de frango argentino, mas h

À duas semanas o governo argentino suspendeu a medida e os frangos brasileiros voltaram aos níveis anteriores de exportação . Os exportadores brasileiros observam a atitude do governo argentino sobre a questão .

Por outro lado os argentinos têm se queixado da "guerra fiscal" no Brasil . Um documento recente da Embaixada da Argentina no Brasil declara enfaticamente : "Até agora temos observado inúmeros exemplos da utilização quase descontrolada de incentivos no Brasil". Para a embaixada uma limitação à guerra fiscal reduziria também os conflitos entre os dois países. De acordo com um diplomata brasileiro : "em todas as negociações que participamos o governo argentino esta insistindo na tese de que os incentivos fiscais nos países do Mercosul devem ser repensados".

Além dos incentivos fiscais concedidos pelos estados brasileiros às empresas, a embaixada argentina acusa as políticas de financiamento governamentais (BNDES, BB e CEF) como grandes responsáveis pela decisão das empresas de deixarem de investir no país e optarem pelo Brasil.

Mas o documento da missão argentina destaca também que boa parte das empresas que anunciaram a mudança de suas plantas industriais para o Brasil são multinacionais do setor de autopeças "onde as decisões não são tomadas localmente, mas como parte de uma estratégia de inserção internacional ". Os diplomatas argentinos esperam resolver esse problema com um regime automotivo comum para o Mercosul .

O novo embaixador argentino, Juan Uranga, apresentou suas credenciais ao governo brasileiro no ultimo dia 8 . (*Gazeta Mercantil* de 07.02.00, 08.02.00 e 09.02.00)

Protesta por trava paraguaya a lácteos uruguayos

El gobierno uruguayo protestó ante las autoridades paraguayas por la aplicación de "impuestos específicos" a un grupo de productos, entre ellos la leche larga vida, que difieren la entrada en vigencia del arancel cero entre los países del Mercosur, acordada para el 1° de enero de 2000.

Paraguay incorporó estos impuestos antes de fin de año para "diferir la entrada en vigencia del arancel cero para determinados productos", explicó el ministro.

Aclaró, no obstante, que respecto al tema "no hay controversia, ni ningún órgano que se esté ocupando del asunto; estamos en una instancia de consulta entre los socios". Según el Canciller uruguayo, para los productos involucrados Paraguay no es un mercado consolidado, pero sí una corriente que está comenzando.

Por su lado, el gerente general de Conaprole (principal empresa láctea uruguaya) indicó que las exportaciones de leche larga vida de la firma sufrieron estos recargos impositivos, pero aclaró que las ventas a ese mercado son incipientes, con un monto global de US\$ 1,5 millones al año. El Ministro de Relaciones Exteriores señaló que, a excepción del planteo paraguayo, los demás países cumplieron con el cronograma pautado para la eliminación de los aranceles al interior del bloque. (*El Observador* 11/02/00)

Macchi, no Brasil, pede apoio ao Paraguai

Em visita de dois dias ao Brasil, na semana passada, o presidente paraguaio Luiz Angel Macchi pediu que um maior numero de empresas e mesmo o governo brasileiro ajudem ao desenvolvimento paraguaio.

O chanceler paraguaio, José Felix Estigarribia, que acompanhou a visita, lembrou que ao gerar renda no Paraguai o Brasil não estará apenas ao país vizinho, mas aos próprios brasileiros que vivem naquele país. Pela fronteira com aquele país já ingressaram 800 mil brasileiros, atraídos fundamentalmente pelo preço da terra".

Entre outras medidas para apoiar esse esforço os dois governos definiram-se pela construção de uma outra ponte sobre o rio Paraná e ao estudo de medidas destinadas a evitar a bitributação sobre as empresas que investirem no país.

O presidente paraguaio agradeceu ao apoio do governo brasileiro à democracia naquele país . Como se recorda foi decisiva a atuação dos países do Mercosul quando da ameaça do general golpista Lino Oviedo . (*Gazeta Mercantil*, 11.01.00)

Cresce vinda de empresas da Argentina

A onda de migração de empresas argentinas para o Brasil após a desvalorização do real abriu um novo nicho de negócios para as consultorias na Argentina. Algumas delas estão se especializando em fazer os trâmites para pequenas empresas que pretendem se mudar para o território brasileiro.

Reportagem publicada ontem pelo jornal "Clarín" conta que, desde a desvalorização do real, a consultoria Pertierra y Asociados começou a cuidar da transferência de 26 pequenas e médias empresas argentinas. Só este mês os representantes de outras 20 empresas viajaram para o Brasil para estudar uma eventual migração. (*FSP*, 15/02/2000) [regressar](#)

Aumenta a desnacionalização na indústria de autopeças

A Cobreq, tradicional empresa de autopeças(fornecedora de pastilhas e lonas para freios a disco) de Indaituba(SP) saiu do controle do grupo brasileiro Fonseca e Almeida. O seu comando foi assumido pela alemã Rütgers Automotive que já tinha 35% das ações e assumiu o restante.

É mais um avanço do capital estrangeiro no setor de autopeças. Segundo o Sindipeças, que reúne as empresas do setor, 64% de suas 550 associadas já tem predominância externa. Em 1994, ano da implantação do real, 52,4% do faturamento da indústria de autopeças eram de companhias majoritariamente nacionais . Hoje a posição se inverteu: 68,9% das receitas ficam em mãos de companhias estrangeiras .

A empresa alemã investirá entre US\$ 5 e 7 milhões, principalmente para compra de maquinario nos próximos três anos, para expansão da produção . A direção da empresa prometeu manter o numero de empregados que é hoje de 450 trabalhadores.

A empresa alemã pretende expandir-se para o exterior , principalmente no Mercosul. Hoje, dos US\$ 55 milhões faturados, 30% foram gerados pelas vendas ao exterior. Há dois anos a empresa também comprou uma industria instalada no polo automotivo de Curitiba (PR) . (*Gazeta Mercantil - Planalto Paulista* -10.02.00)

Integração energética no Mercosul

De acordo com o presidente da Petrobrás, Henri Philippe Reichstul, o objetivo da empresa é aumentar de 2% para 15% do faturamento a participação de suas operações no exterior , e com isso ampliar a receita externa de US\$ 400 milhões para US\$ 4 bilhões até 2005 .

A empresa pretende se expandir principalmente na América Latina, mas também na África. No continente suas as operações estão em cinco países: Argentina, Bolívia, Colômbia, Cuba e Trindad Tobago, e neles a empresa investirá US\$ 142 milhões neste ano, em atividades de exploração e refino. Outros US\$ 308 milhões serão investidos em projetos de refino e distribuição . Entre os projetos já existentes estão uma joint venture com a Companhia Naviera Perez Companc(30%) em duas refinarias adquiridas em novembro do ano passado da YPFB em Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba . Na Argentina a Petrobrás tem participação numa concessão terrestre para a produção basicamente de gas, o equivalente a 9 mil barris diários de petróleo . A empresa participa também desde 1997, em sociedade com a Repsol-YPF e a Dow Chemical na Companhia Mega, na provincia de Neuquem para a produção de produtos petroquímicos. Na Bolívia a empresa participa de oito concessões, para produção também de gás, o equivalente a mil barris por dia . Participa também de uma sociedade para a construção de uma usina de processamento de gás do campo de santo Alberto.

A empresa tem concessões também na Colômbia (produção de 21 mil barris diários de petróleo) e vai perfurar o seu primeiro poço marítimo em Cuba neste ano. Isso ocorrerá também em Trinidad Tobago .

Por outro lado a Petrobrás vem diminuindo a sua importação de petróleo argentino. Em 1997 a empresa importava 127 mil barris diários de petróleo. Em 1999 a importação passou para 53 mil barris diários. A participação venezuelana na importação brasileira também vem caindo. O que acontece é que os dois países produzem principalmente óleos pesados e como aumentou a produção brasileira desses óleos, em especial na Bacia de Campos, a companhia tem buscado fornecedores de óleos leves para compor o seu mix de óleos para refino . Com isso vem crescendo as importações da Nigéria . (*Gazeta Mercantil Latinoamericana* 7 a 13.02.00 e *Gazeta Mercantil* 10.01.00)

Caerán las ventas de autos en el 2000

Las terminales automotrices estiman que las ventas podrían caer este año entre el 5 y el 10% porque el consumo y las exportaciones siguen deprimidas; que podrían reanudarse las suspensiones de personal y continúa la incertidumbre en torno a la aprobación de un régimen

común en el Mercosur. Así dijo el titular de ADEFA (Asociación de Fábricas de Automotores), Luis Ureta Sáenz Peña.

Según el dirigente "Es preocupante la falta de un acuerdo con Brasil porque indiscutiblemente el Mercosur fue un proyecto que cautivó al mundo por crear un gran mercado, con posibilidades de crecimiento. El resurgimiento de esta industria, la vuelta de una cantidad de fábricas que hace años atrás no estaban en la Argentina se basa en tener una "actividad Mercosur", es decir una presencia física en los dos países más importantes de la región.Las negociaciones con Brasil han sido complicadas, no de ahora; fueron complicadas durante todo el año 99. Nosotros como sector presentamos un documento al Presidente y a los ministros de Economía y de Relaciones Exteriores con una propuesta que fue confeccionada y firmada por ADEFA, AFAC, que es la verdadera cámara de proveedores del automóvil, el SMATA y la UOM, que son los sindicatos del sector.

Sobre la consultoria acordada por los gobiernos, dijo "Lo que pasa es que va a durar un cierto tiempo. Nosotros como ADEFA quisiéramos que en la próxima reunión en febrero, las autoridades de ambos países puedan encontrar algo que sea un principio de nuevo régimen común. De todas maneras el tema de la consultoría puede abrirle los ojos a Brasil sobre la magnitud de los subsidios e incentivos. Entre los propios estados de Brasil hay una competencia para ver quién da más subsidios. En su momento se acordó entre ambos países que a partir del 1 de enero del 2000 se acababa todo tipo de subsidios. Brasil no tiene un control de la cadena de incentivos o subsidios dados por los distintos estados. En la Argentina también hay incentivos, pero no de la magnitud de Brasil. Son menores y, además, conocidos, medidos." (*Clarín 06-02*).

Ford começará, na Bahia, com o Courier

A Ford testará suas linhas de montagem na nova fábrica em Camaçari (BA) com a sua picape Courier. Isso ocorrerá no final de 2001, apenas para teste das instalações e treinamento do pessoal. Segundo Antonio Maciel Neto a primeira idéia da montadora era a de fazer esses testes com o veículo Ka, que tem uma plataforma mais parecida com a linha de veículos Amazon, que serão os veículos efetivamente previstos para produção na Bahia. Mas o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Luiz Marinho, sugeriu que fosse levado para a nova fábrica um veículo de menores volumes de produção para que a mudança não afetasse a rotina da fábrica paulista. A produção do Courier foi no ano passado de 8.800 unidades e depois do teste continuará sendo produzida em São Bernardo.

A linha Amazon que será produzida em Camaçari nos primeiros meses de 2002 terá 4 ou 5 modelos sobre uma mesma plataforma mundial que esta sendo desenvolvida pela Ford nos Estados Unidos, e que será levada para outras fábricas da montadora, inclusive na Europa.

A partir de 21 de fevereiro e até 13 de março os funcionários da empresa estarão em férias coletivas, para que a fábrica em São Bernardo seja adaptada para a produção dos caminhões hoje produzidos na fábrica em São Paulo (Ipiranga) e das peruas Escort, cuja linha de produção será transferida da Argentina. (*Gazeta Mercantil, 07.02.00*)

Expande-se o Banco Santander

O Banco Santander Central Hispano, o maior da Espanha, anunciou ontem uma oferta de US\$ 750 milhões para ampliar a sua participação no banco argentino Rio de la Plata e ficar com a totalidade do seu capital. O Santander já é o maior banco privado argentino, atrás apenas do Banco Galicia (de capital argentino, mas onde o Santander tem uma participação de 10%). O banco espanhol reforça com isso a sua presença no Mercosul. No mês passado o banco já havia anunciado a compra do brasileiro Banco Meridional. (*Folha de São Paulo, 11.02.00*)

"MERCNORTE"

A Zona Franca de Manaus, surpreendeu o país no ano passado ao aumentar as exportações em 61% -com receita de US\$ 430 milhões-, maior expansão de vendas do país em 99. Incluindo os produtos agro-industriais o crescimento chega a 136%. Pólos produtivos como eletroeletrônicos,

jóias e agroindústria começam a renascer; a indústria de bebidas procura a região para baratear suas exportações. No mesmo período as exportações brasileiras caíram 7,4%, de US\$ 50,5 bilhões para US\$ 46,8 bilhões.

Vários são os motivos da retomada das exportações da Zona Franca de Manaus : a recessão brasileira - que obrigou as empresas a buscar nas vendas externas uma compensação à retração do mercado interno; a desvalorização do real ; a construção da BR 174, rodovia que liga Manaus (AM) a Caracas, na Venezuela e encurtou muito o tempo de transporte das mercadorias.

A rodovia é considerada estratégica, porque liga a Zona Franca ao norte da América do Sul, dando acesso aos países do Caribe e da América do Norte, que teriam um grande potencial de negócios - só no Caribe está estimado em US\$ 30 bilhões por ano, segundo José Augusto de Castro, diretor da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). No ano passado, a Suframa aprovou 143 projetos de investimentos, quase 50% a mais do que em 98. Com isso, a região atraiu US\$ 2,7 bilhões. O dinheiro está sendo usado na ampliação e construção de fábricas. Pelo menos 20% da produção dessas indústrias terá de ser exportada por determinação da Suframa já no primeiro ano, para zerar dentro de quatro anos o déficit comercial do Estado do Amazonas. Para tentar viabilizar essas metas, foi criado o Programa Especial de Exportação da Amazônia Ocidental (Pexpam). (*FSP, 06 de Fevereiro de 2000*)

Banespa é o maior banco à venda na AL

O Banespa é o maior banco à venda na América Latina. Com seus R\$ 24,8 bilhões de ativos, três milhões de clientes, ele é maior do que cinco dos nove candidatos que querem comprá-lo. Mesmo juntas, as filiais brasileiras do Citibank e do BankBoston são menores do que o Banespa.

A privatização do Banespa pode mudar a sorte dos candidatos que se credenciaram para participar do leilão de maio. Os motivos são diferentes para cada um. Bradesco, Itaú e Unibanco, os três maiores bancos privados do país, estão jogando na defesa. Santander, BBV, Citibank, BankBoston e HSBC, todos estrangeiros, estão atrás do passaporte para o mercado mais rico do país. Para analistas, a estratégia do Safra ainda não está muito clara.

Entre os estrangeiros, a dupla espanhola tem objetivos bem definidos. Sem espaço para crescer na Europa, Santander e BBV encaram a América Latina como a melhor oportunidade para ampliar seus negócios. Eles são obrigados a ganhar tamanho para negociar em igualdade de condições nas fusões que estão ocorrendo no mercado financeiro europeu.

Os norte-americanos Citibank e BankBoston estão há muitos anos no Brasil, perderam várias oportunidades de comprar outros bancos e ficaram para trás. A novidade é que eles ganharam sócios fortes em seus países. O Citi se juntou ao Travelers, um dos maiores do mundo, e o Boston se uniu ao Fleet Financial, um grande banco de varejo nos EUA.

71% querem Banespa ""brasileiro"

A participação do capital estrangeiro na privatização do Banespa é rejeitada por 71% dos paulistanos ouvidos em pesquisa do Datafolha. O instituto mostra que quase a metade (48%) das pessoas entrevistadas na última quinta está contra a venda do banco, marcada para 19 de maio.

A participação de bancos estrangeiros foi autorizada por decreto do presidente Fernando Henrique Cardoso, que enfrenta pressões no próprio governo para dar preferência aos bancos nacionais no negócio. Nove bancos -quatro nacionais e cinco estrangeiros- já se inscreveram para a disputa. A posição reiterada por FHC e pela equipe econômica nos últimos dias de manter as regras do jogo com os estrangeiros é apoiada por apenas 13% dos paulistanos.

A polêmica

A venda do Banespa é a peça mais visível de um debate que cresce no governo e fora dele sobre os efeitos da desnacionalização da economia. É fato que os bancos estrangeiros vêm ampliando sua presença no sistema financeiro do país. Entre os bancos privados, eles já representam quase metade de todo o patrimônio. A conta muda quando é considerada a

participação do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, as duas maiores instituições em volume de patrimônio. Nesse universo, a participação dos estrangeiros cai para 20%.

A pesquisa feita pela Folha de São Paulo mostra indícios de uma onda nacionalista. Mais da metade das pessoas ouvidas defendeu que o governo deveria reduzir a entrada de empresas estrangeiras no país. Foram 55% dos entrevistados contra 40% que se manifestaram contrários à adoção de restrições. (FSP, 13/02/2000)

Repsol planeja uma parceria com a Petrobrás

A espanhola Repsol e a italiana Agip foram as empresas mais agressivas quando a Petrobras abriu concessões para exploração de petróleo. Elas teriam interesse em participar do refino para obter uma integração na cadeia (exploração, refino e distribuição).

A Agip responde por 22% do mercado de gás de botijão, por meio da subsidiária Agip Liquigás. Em 1998, comprou a rede de postos São Paulo. Ela pagou um ágio de 53.565% para adquirir o direito de exploração e produção de uma área na bacia de Santos. Em novembro último, a Agip ganhou a exploração da segunda área de distribuição de gás canalizado do Estado de São Paulo, pagando um ágio de 149,9%.

A Repsol, por sua vez, possui uma das três refinarias privadas do Brasil (Manguinhos, no Rio). A fusão da Repsol com a Argentina YPF foi vista como um passo para a entrada posterior no Brasil, de olho na eventual privatização da Petrobras. Na Argentina, a Repsol concentrou seus negócios em refino, distribuição de gás e petróleo. A YPF, na exploração. Temendo o monopólio de mercado, o governo argentino determinou que a Repsol teria que se desfazer de alguns ativos, incluindo 635 postos de gasolina, e reduzir sua presença no mercado de distribuição e exploração de gás.

Um mês depois da aquisição da YPF, o presidente da Repsol-YPF, Alfonso Cortina, antecipou que a nova empresa teria "como objetivo prioritário estender os negócios no Brasil", reforçando a aliança da YPF com a Petrobras. Em novembro, Cortina anunciou que a Repsol estudava a troca de participações acionárias com a Petrobras. Em dezembro, a Petrobras confirmou que estava em marcha um acordo para trocar ativos com a Repsol-YPF. No mês passado, a Repsol anunciou que a Petrobras deverá controlar 815 postos de gasolina na Argentina. Em contrapartida, a Repsol se associaria à Petrobras para refinar 100 mil barris/dia no Brasil. (FSP, 13/02/2000) [regressar](#)

Argentina: sigue el debate sobre la reforma laboral

Los diputados de la Alianza de la Comisión de Trabajo lograron acordar ayer con la mayoría de sus pares justicialistas la firma de un dictamen común del proyecto de ley de reforma laboral.

Sin embargo, el PJ presentará disidencias parciales a la iniciativa oficial y, por medio de la amenaza de la CGT de convocar a una movilización para el 24 del actual, se reservó la posibilidad de avanzar en acuerdos con los legisladores aliancistas.

Para el Gobierno, el dictamen acordado con el PJ es una "clara victoria" ante el poder sindical: el dictamen contempla un período de prueba de tres meses, aunque con posibilidades de extenderlo a seis. Actualmente es de un mes. La iniciativa también prevé que los convenios colectivos de trabajo que prevalezcan sean los de ámbito menor. Aunque la Alianza aceptó el pedido de la CGT para que en los acuerdos menores estén presentes, sin poder de veto, representantes sindicales nacionales.

Los convenios de ultraactividad caerían a los dos años de ser aprobada la ley, por lo que deberían ser renovados completamente. En este punto, la propuesta de flexibilización prevé que si no se arribó a un acuerdo luego de transcurridos los dos años, se deberá recurrir a un arbitraje.

Con el aval del ministro de Trabajo, Alberto Flamarique, los legisladores aliancistas incluyeron en la iniciativa una cláusula que crea una comisión bicameral de seguimiento de las negociaciones colectivas de trabajo y otra por la que los empresarios estarían obligados a brindar a las comisiones gremiales toda la información vinculada con la distribución de los beneficios de la productividad y la evolución del empleo. La iniciativa también contemplará la creación de un registro único de trabajo. (La Nación 11-02).

La CGT marcha a Plaza de Mayo para protestar .

El sindicalismo decidió aumentar la presión sobre el Gobierno para ampliar el margen de las negociaciones por la reforma laboral. El jueves 24, cuando el proyecto se trate en el recinto de la Cámara de Diputados, los gremialistas marcharán hacia Plaza de Mayo para hacer oír su voz de protesta. La medida de fuerza que tomó ayer el consejo directivo de la CGT incluye el cese de actividades en Capital Federal y el Gran Buenos Aires a partir de las 14 y un acto frente a la Casa Rosada a las 17.

El jefe de la CGT, Rodolfo Daer, adelantó que se invitará a participar de la marcha a los dirigentes de las pequeñas y medianas empresas. El camionero Hugo Moyano, futuro jefe de la central obrera, agregó que ya adhirió a la convocatoria el estatal Víctor De Gennaro, que lidera la alternativa CTA.

Si las negociaciones no avanzan, en la CGT aseguran que el Comité Central Confederal convocado para el viernes 25 no podrá evitar el llamado a un paro. (Clarín 11-02).

Uruguay: 45 días de huelga de hambre en GASEBA

Dirigente del Sindicato del Gas de Uruguay , informaron que ahora "habrá que agudizar el ingenio para abordar nuevas medidas de lucha, porque a 45 días de huelga de hambre de dos compañeros, el gobierno aún sigue mostrándose insensible a los reclamos de los trabajadores.

El Sindicato evaluó internamente la situación al tiempo que comenzaron a ajustar detalles para esperar a una delegación de trabajadores del sindicato de Energía de Francia que arribará a Montevideo en los próximos días. Días atrás el Sindicato Médico del Uruguay decidió abandonar el seguimiento técnico de los huelguistas por considerar que ya no se tenía la seguridad de que la medida no dejará secuelas irreversibles en ambos trabajadores.

El Sindicatodijo que esta huelga "se ha alargado fundamentalmente porque el Poder Ejecutivo no ha buscado una solución, pese a las herramientas que tiene a mano como son el Ministerio de Industria y Energía y el Ministerio de Seguridad Social". (La República, 10/02/00)

Desde 1994 la industria argentina echó a 145 mil trabajadores

Según Informe de la Secretaría de Empleo en los últimos 5 años la industria expulsó en total a 145.000 trabajadores. Hay sectores como el minero, que se contrajo en más de 8.300 personas. Los servicios de electricidad, gas y agua redujeron en casi 3.000 personas sus dotaciones de personal y el transporte y las comunicaciones se desprendieron de 1.400 empleados.

La destrucción de puestos de trabajo se dio pese a que en ese período, entre octubre de 1994 y octubre de 1999, las cargas sociales patronales se redujeron a la mitad y el costo laboral cayó más del 20% por el deterioro en los salarios. Y hubo una brusca reducción del costo de las indemnizaciones por accidentes de trabajo y la firma de muchos convenios de trabajo flexibles. Entre 1994 y 1999 el empleo fabril declarado por las empresas bajó del 24 al 20% en su participación en la ocupación total.

No obstante este descenso de la ocupación fabril y la fuerte recesión por la que atravesó la industria en 1999, la producción manufacturera se situó el año pasado por encima del de 1994. Esto significa que la industria siguió obteniendo nuevas ganancias de productividad. Es decir cada trabajador ocupado en 1999 produce mucho más que el trabajador ocupado de 1994.

El sector textil, que expulsó a 25.000 trabajadores, tiene hoy un 35% menos de personal que en 1994. En bienes de capital pasó otro tanto. Las empresas fabricantes de maquinarias redujeron sus planteles en esos años de 56.700 a 45.500 personas, con lo que registran un 27,6% menos.

La evolución del empleo en la construcción fue distinta. De 228.000 trabajadores registrados en 1994 se alcanzó un tope de 273.000 en 1998, para caer a 239.000 en 1999 como consecuencia de la recesión. *(Clarín 07-02)*.

En enero hubo 18 000 trabajadores despedidos

En enero volvieron a recrudecer los despidos. Según la consultora Tendencias Económicas, **se** registraron unas 18.000 cesantías, 8 veces más que en diciembre del año pasado. En muchos casos eso obedece a la decisión del Gobierno nacional y de las provincias de cancelar los contratos del personal temporario. Según trascendió hay una orden oficial de reducir en un 45% el personal contratado.

El Gobierno tomó la decisión política de dar de baja al personal público contratado el año pasado, una medida que afectaría a unos 6.000 funcionarios y, además, reubicar al personal público de organismos que vayan a ser suprimidos.

En el sector privado, los despidos se concentraron en el sector automotor y de supermercados. Y también por la decisión de algunas fábricas de dejar de producir ciertas líneas de productos en la Argentina, como es el caso de Philips (lámparas) y Alpargatas. Las suspensiones tuvieron lugar en el sector automotriz (planta de camiones Iveco) y en textiles (Alpargatas). *(Clarín 08-02)*.

Crecimiento explosivo del empleo en negro

La Argentina registró en la década del 90 un crecimiento del 46 por ciento en el empleo en negro entre los asalariados, según un informe de la consultora Equis.

La primera medición de este tipo, en 1990, había reflejado que el 25,3 por ciento de los asalariados estaba en condiciones informales. Pero en octubre de 1999, ese porcentaje había trepado al 37,1 por ciento, según la Encuesta Permanente de Hogares (EPH) del Instituto Nacional de Estadística y Censos (Indec).

De acuerdo con el informe "El mapa actual de la informalidad laboral", el empleo en negro alcanza al 44,2 por ciento en las empresas privadas y al 11,8 por ciento en el Estado.

En términos sectoriales, la construcción está en la cima, con un 65,1 por ciento de trabajadores en negro, seguida por el comercio con el 45,7 por ciento. En los empleos autónomos, la informalidad del

servicio doméstico asciende a un abrumador 95 por ciento. Las mujeres sufren más que los hombres en este plano: el 40,8 por ciento de las trabajadoras no está en blanco, contra el 34,6 por ciento del género masculino. (*La Nación 07-02*).

Autos: por la recesión dan vacaciones a 7.000 operarios

La caída en las ventas al mercado interno, las reducidas exportaciones y el impacto del paquete impositivo frenaron la industria automotriz, luego del empuje permitido por el Plan Canje Plus, y obligaron a las terminales locales a otorgar vacaciones a más de 7.000 operarios para evitar suspensiones, según voceros de estas terminales.

Volkswagen licenció a sus 4.000 trabajadores durante tres semanas a partir del lunes pasado, ya que el personal no tomó vacaciones en enero. Fiat licenciará en los próximos días a los 1.700 trabajadores de su planta de Caseros, según precisaron fuentes empresariales. La francesa Renault decidió cerrar sus puertas por vacaciones durante todo febrero y recién comenzará el próximo 28 a producir en la planta cordobesa de Santa Isabel. Y la planta de la empresa SEVEL -que el próximo mes pasará a denominarse Peugeot Citroën Argentina- en El Palomar, actualmente trabaja a 50 por ciento de su capacidad instalada, con un total de 1.700 trabajadores.

Maquiladoras de Paraguay

El Gobierno formalizara, a fin de mes, a tres empresas maquiladoras que fueron beneficiadas por la Ley No. 1.064 De la Industria Maquiladora de Exportacion. La inversion global de estas firmas ascendera a 75.000.000 de dolares y permitira crear 700 puestos de trabajo, en un momento en que el indice de desempleo total en el pais ya alcanzo el 14,3%.

La empresa Toyotoshi, primera firma que se radico bajo esta modalidad, ya se aboca al rubro de fabricacion de asientos de cuero para autos y desde hace algun tiempo realiza procesos industriales.

En su segunda etapa tambien producira asientos de cuero para oficina. La inversion, en este caso, llego a 3.000.000 de dolares y aun se encuentra bajo regimen de admision temporaria.

La otra empresa, cuyo capital es argentino, se dedicara a la confeccion. Ocupara a alrededor de 70 personas y las maquinarias ya se encuentran en el pais instalandose en Asuncion.

La tercera empresa a ser formalizada es una firma industrial japonesa, que se instalara en el interior del pais. La inversion prevista es de 58.000.000 de dolares. Se dedicara a la fabricacion de motores electricos de gran porte. Requerira de 556 trabajadores.

Emilio Baez Maldonado, titular del Consejo Nacional Maquiladoras, dijo que el sistema de Maquila es la unica forma de crear el mayor numero de puestos de trabajo, considerando que el Paraguay viene soportando dura crisis economica que no permite desacelerar el porcentaje de desocupacion. (Solidarity Center – PY) [regresar](#)

A Décima UNCTAD, neste mês

Entre os dias 12 e 19 deste mês, acontecerá em Bangcoc (Tailândia) a 10.^a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD). O tema do encontro será "Estratégias para o comércio e o desenvolvimento num mundo de crescente interdependência". O brasileiro Rubens Ricupero, atual presidente da entidade pretende transformá-la numa espécie de OCDE para os países em desenvolvimento, com o objetivo de ajudá-los nas negociações sobre o comércio e o investimento.

Ricupero define seus objetivos; "Queremos oferecer um fórum à sociedade civil para que os protestos e as inquietações sobre a globalização não se limitem às expressões amarguradas e violentas nas ruas, como aconteceu em Seattle em dezembro passado."

Na opinião do diplomata brasileiro as negociações sobre novas liberalizações comerciais só poderão prosperar a partir do momento em que os países desenvolvidos assumirem o compromisso de eliminar seus subsídios, especialmente na área agrícola. "É preciso acabar com essa inconsistência das regras, que permitem o uso de subvenções na agricultura, mas não em produtos industriais", critica.

Outros pontos de negociação são: a escalada tarifária, que atinge especialmente os tecidos, confecções, alimentos processados, frutas, legumes, calçados, artigos de couro e metal, café, cacau e oleaginosas e a implementação dos acordos sobre investimentos da Rodada do Uruguai, que impedem que os países exijam requisitos como conteúdo local, para os investidores. E na área de propriedade intelectual, o diplomata considera necessário que os desenvolvidos garantam a transferência de tecnologia.

Quanto à desigualdade o diplomata considera que uma forma de diminuí-la é dar uma chance aos países mais pobres, de exportar. Para ele, os países industrializados tem que aceitar que alguns de seus setores industriais não tem condições de competir devido ao custo da mão de obra e que a solução para essas empresas é transferir-se para os países em desenvolvimento. Alternativas não faltam, o que falta é vontade política", diz.

Ricupero declara sua preocupação quanto à pequena inserção da América Latina na economia globalizada, diferente do que acontece com a Malásia, Coréia e Singapura que gradativamente passaram de exportadores de matérias prima (estanho, borracha, óleo de palma) para exportadores de produtos de tecnologia. Seu conselho é que os países do continente sigam o exemplo dos asiáticos; crescimento baseado numa forte taxa de poupança (35%, chegando até a 40%) sem investimento estrangeiro, macroeconomia sólida, orientação para o mercado externo, investimento em recursos humanos e tecnologia e sinergia entre o governo e o setor privado. Diz também o diplomata, que outra lição a ser aprendida é a "de que eles tiveram êxito na globalização econômica, mas não na financeira, que é muito mais perigosa". (*Gazeta Mercantil*, 10.01.00) [regressar](#)



Notas

Partido dos Trabalhadores do Brasil celebra 20 anos

O Partido dos Trabalhadores do Brasil celebrou nesta quarta-feira o vigésimo aniversário de sua fundação como a maior legenda de esquerda de toda a América Latina. Os dirigentes do partido, encabeçados pelo ex-candidato presidencial e ex-sindicalista Luiz Ignácio Lula da Silva, o Lula, realizaram sessões solenes no Congresso para comemorar o aniversário do movimento fundado no dia 10 de fevereiro de 1980. Segundo Lula, o partido está bem e poderá conquistar muitas prefeituras nas eleições de outubro, entrando com força total na campanha presidencial de 2002. "O PT já não é só um partido preparado para fazer oposição, é

um partido com opções verdadeiras para formar Governo", declarou Lula em uma entrevista coletiva e assegurou que, por hora, o partido tem as eleições municipais como maior meta, mobilizando os trabalhadores para uma grande manifestação no dia 1 de maio contra as possíveis mudanças na legislação trabalhista. e a força do PT", O Partido dos Trabalhadores teve o maior crescimento eleitoral entre todas as organizações políticas do país nos últimos 20 anos. Em 1998, o partido conseguiu eleger 115 prefeitos, tendo atualmente sete senadores e 59 deputados federais. (Agência Reuters, 10.02.00)

Ford colocará computadores nas casas de seus funcionários

O presidente da empresa Willian Ford Jr, o seu CEO Jac Nasser e o presidente da UAW (Sindicato norte-americano dos trabalhadores nas montadoras- United Auto Workers) Stephen Yokich anunciaram um programa que subsidiar a compra computadores H P (Hewlett-packard) e o acesso a Internet para

seus trabalhadores no mundo inteiro. Consta do acordo coletivo assinado com a UAW no ano passado que as duas partes procurariam um modo de colocar computadores nas mãos dos empregados da empresa. A Ford tem mais de 350.000 empregados no mundo inteiro , sendo 101 mil os horistas representados pela UAW .

Balanza Comercial de 1999

El déficit de la balanza comercial en 1999 se redujo drásticamente respecto de 1998 como consecuencia de la recesión que afectó a la economía: fue de 2.221 millones de dólares, que representó una baja del 55,2% con relación al desequilibrio que se había registrado en 1998, según informó ayer el Ministerio de Economía.

Lo que más preocupa de esta situación, es que no todo el impacto terminó con el cierre del balance de 1999. Lejos, de este final, de alguna manera el impacto de la devaluación en Brasil recién comienza. Según datos de la consultora

EXANTE, ya en enero pasado las exportaciones de Brasil hacia la Argentina (o importaciones argentinas de Brasil) crecieron 9% respecto de igual mes de 1999, un ritmo de crecimiento todavía lento comparado con otros países. Efectivamente, las exportaciones de Brasil hacia otras regiones latinoamericanas y asiáticas crecieron 18% en el mismo mes mientras que en la Argentina, sólo la demanda todavía deprimida, está impidiendo la avalancha de productos brasileños.

Las exportaciones uruguayas caen 20% durante 1999

En los once primeros meses del año 1999 las exportaciones de mercaderías a precios FOB cayeron un 19,8% en comparación con igual período del año anterior y las importaciones un 13,1%. En tanto el saldo de la balanza comercial en ese período fue negativo en 782,4 millones de dólares. En el acumulado de los últimos doce meses las exportaciones registraron un descenso de 18,4% mientras en noviembre las ventas al exterior crecieron un 13,9%. Durante ese mes, las exportaciones de productos no

tradicionales aumentaron 14,4% y las de productos tradicionales un 12,6%, según informó el Banco Central del Uruguay (BCU).

Los países del Mercosur recibieron el 45,3% de las exportaciones realizadas por Uruguay al tiempo que de ellos se adquirió el 43,5% de las importaciones. La caída de las exportaciones a ese mercado fue del 34,7% explicada por las menores compras desde Brasil (40,0%)y desde Argentina (30,5%). (La República 11/02/00)

Um erro de US\$ 10 bilhões

O Brasil terá que conseguir, este ano, muito mais dólares para pagar amortizações da dívida externa do que o Banco Central previa até agora. Os técnicos do FMI estranharam a previsão de apenas US\$ 22 bilhões, reclamaram com o BC e, na revisão, esse número deve crescer para pelo menos US\$ 32 bilhões.

O erro de projeção é grave porque esse é um número crucial para o mercado calcular a necessidade de recursos externos. Se ela é maior do que se imaginava, isso pode significar uma maior pressão sobre o mercado de câmbio e, portanto, sobre a cotação do real. (FSP, 13/02/2000)

CUT tem agencia de noticias

Já está funcionando, ainda em caráter experimental, a Agência CUT de Notícias que pode ser lida na página da central: <http://www.cut.org.br> e contatada através do e-mail: imprensa@cut.org.br.
[regressar](#)

CORREIO SINDICAL MERCOSUL

É parte do projeto Mercosul entre a CCSCS, SPIs, ORIT/CIOSL e FFE.



cesint@uol.com.br
cesint@sinectis.com.ar
cesi@y.com.uy

Coordenação- Ma. Silvia Portella de Castro